



X Encontro da Internacional dos Fóruns
VI Encontro internacional da Escola
de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano [IF-EPFCL]

BARCELONA 13/16 setembro 2018

PRÉ-TEXTO 7

O RE-ADVENTO DO REAL

Colette Soler

Lacan evocou alguns adventos do real que, sob os efeitos da ciência e de seus poderes técnicos, mudam nossa realidade social, tanto quanto as glosas que os acompanham na cultura.

No entanto, não está aí, a meu ver, o assunto de nosso Encontro, que celebra os 20 anos do Campo Lacaniano. À expressão “adventos do real”, nosso título acrescentou o psicanalista. Ora, o psicanalista só tem, em princípio, uma política – a da psicanálise –, pois seu objeto é a clínica dos sujeitos sob transferência no discurso analítico. É aí que devemos interrogar o que ali advém do real e que poderia interessar nosso momento da civilização – se soubermos nos fazer ouvir e entender.

Esses adventos do real já foram formulados na psicanálise sob a pena de Freud e de Lacan, mas com outras palavras, basta reconhecê-las aí para saber sobre o que teremos que conversar durante esse Encontro. Essas palavras não são muito abundantes: traumatismo na origem de toda neurose, diz Freud; castração sem ter como recorrer, dixit Freud ainda, e a vida amorosa feita de repetição, tique e sintoma, *fixion*, como já evoquei.

Todos esses termos dizem respeito ao estatuto dos gozos do ser falante, ou seja, aquilo que Lacan chamou de “campo lacaniano”, do qual cada sujeito não pode evitar experimentar aquilo que chama de vida, mas do qual o analista faz com que cada analisante, irremediavelmente, mensure o alcance.

Todos veiculam o dito de Freud, enunciado e condensado por Lacan, “não há relação sexual”.

Todos designam um real que procede, segundo a hipótese lacaniana, do corpo de gozo afetado pela linguagem.

Ora, esse é um real que já adveio para cada analisante, que chega e vem dizer que isso não produziu boa hora/felicidade [*bon heure*], mas, antes, mal-dição [*malé-diction*], segundo Lacan. Com efeito, aquilo que o analista recebe, em primeiro lugar, é a queixa tumultuosa que responde a esse real advindo.

Nossa questão incide, portanto, sobre o discurso analítico em si.

Inicialmente, sobre as ocorrências clínicas particulares desse real que a análise permite recensear, assim como as respostas que cada analisante traz a isso.

Em seguida, sobre as transformações que a própria análise introduz. Será que o ato analítico não assegura o re-advendo sob transferência desse real do traumatismo que já adveio? Foi assim que isso foi abordado, de forma confusa, e, portanto, inexata, na história da psicanálise, com a ideia da cura reeditando as condições da neurose.

Uma questão, então, se coloca: se o clamor neurótico dos sujeitos respondeu ao primeiro advento traumático do real, não é possível esperar que o segundo, aquele que re-advém na análise e que ilumina o primeiro, possa dar ao sujeito a oportunidade de adquirir coragem, em outras palavras, de renunciar à sua queixa para enfrentar o destino que seu inconsciente lhe produziu?

Se ele conseguir isso, talvez poderá tentar transmitir, no passe, algo daquilo que encontrou e aprendeu com propriedade, mas que também vale para outros. Pois esse é o alcance político do passe de Lacan: testemunhar algo do real que advém a cada falante. Esse real não conhece nem as fronteiras, nem as culturas, ele é o próprio objeto da mensagem universal da psicanálise, desde que ela exista.

Colette Soler, 2º pré-texto ao tema do X Encontro 2018, 18 de dezembro de 2017

Tradução: Cícero Oliveira

Revisão da tradução: Sandra Berta